

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DIALÉTICO EM HEGEL

Vitor Lucas Cordovil dos Santos¹

RESUMO

Este artigo objetiva discutir criticamente através de uma reflexão filosófica o processo de produção epistemológica da filosofia dialética em Georg Hegel, (1770-1831) um dos maiores filósofos da História da Filosofia. A construção deste trabalho filosófico se baseou em uma pesquisa bibliográfica, através da qual se apropriou das teses e idéias essenciais da Teoria Dialética formulada por este eminente filósofo, os quais revolucionaram a maneira de se ver a filosofia até então, como o Kantismo (doutrinas referentes ao filósofo Immanuel Kant), nesta área de estudo. O grande avanço da Filosofia hegeliana, diz respeito às novas conceituações sobre o objetivo final da Filosofia, o que abalaram fundamentalmente os alicerces desta sapiência até então conhecida. Espero com este texto contribuir para o aprofundamento do debate filosófico sobre a nova concepção metodológica da construção do conhecimento filosófico propiciado por Hegel e, ao mesmo tempo, ratificar que os grandes filósofos e cientistas só reescrevem o seu nome na história da Filosofia e da Ciência quando conseguem romper a metodologia tradicional que apresenta uma concepção estática e de descoberta do fato filosófico enquanto fenômeno já dado, o que foi revolucionado pela nova concepção de filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento Filosófico. Produção epistemológica. Revolução Hegeliana. Teoria dialética.

ABSTRACT

This objective scientific article to critically argue through a philosophical reflection the process of epistemológica production of the philosophy dialectic in Georg Hegel (1770-1831) one of the biggest philosophers of the History of the Philosophy. The construction of this philosophical article if based on documentary a bibliographical research and, through which it assook of the teses and essential ideas of the Theory Dialectic formulated for this eminent philosopher, which had revolutionized the way of if seeing the philosophy until then, as the Kantismo, in this area of study. The great advance of the Hegeliana Philosophy, says respect the new conceptualizations on the final objective of the Philosophy, what they shake the foundations basically of this known sapiência until then. I wait with this text to contribute for the deepening of the philosophical debate on the new metodológica conception of the construction of the philosophical knowledge propitiated by Hegel and, at the same time, to ratify that the great philosophers and scientists alone rewrite its name in the history of the Philosophy and Science when they obtain to breach the traditional methodology that presents a static conception and of discovery of the philosophical fact while a given phenomenon already, what Wilhelm was revolutionized by the new conception of philosophy of Georg Friedrich Hegel.

¹ UEPA. Centro de Ciências Sociais e Educação. Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. Aluno do curso de Licenciatura Plena em Filosofia. Email: vitorlucas1616@gmail.com.

KEYWORDS: Philosophical knowledge. Epistemológica production. Hegeliana revolution. Theory dialectic.

Introdução

Até recentemente Georg Hegel era apenas estudado levando-se em consideração sua colossal teoria metafísica sobre o espírito absoluto, sem contudo, ser avaliada a rigor sua “*ciência da experiência da consciência*”, no qual está associada a um estudo de sua filosofia dialética como um todo, servindo como um subterfúgio para toda sua filosofia.

Este artigo problematiza a sua teoria da lógica dialética, sem os quais todo o estudo acerca da filosofia de Hegel é comprometido, uma vez que a lógica especulativa hegeliana é o fundamento de toda a sua visão de mundo, e com a qual formula suas teses e teorias.

O objetivo de problematizar em um artigo a lógica dialética tem como finalidade mostrar que todo e qualquer conhecimento, inclusive o científico, para que possa chegar a uma conclusão máxima, deve obedecer a uma lógica que está imersa e, denunciar este modo pelo qual o sistema hegeliano opera, é a grande relevância científica e social deste estudo.

A abordagem teórica e prática de toda sua filosofia (desde o espírito absoluto adentrando a filosofia da história) se traduzem na tríade: *tese (ideia de si)*, *antítese (ideia fora-de-sí)* e *síntese (ideia em-sí e para-sí)*. A compreensão desta tríade é a relevância para se entender as três partes fundamentais de seu sistema: filosofia do espírito, filosofia da natureza e lógica; que serão divididas neste artigo em dois principais tópicos: A filosofia dialética em Hegel e os Princípios fundamentais do sistema hegeliano. Tópicos que nos ajudará a entender melhor o grande “todo sistemático” de Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Percurso metodológico da pesquisa

A metodologia utilizada neste artigo tem como base um estudo de caráter exploratório descritivo, de natureza qualitativa, que recorreu à pesquisa bibliográfica como fonte de dados. Desta forma, o referido artigo se deve a discutir filosoficamente a importância da revolução hegeliana, assim como sua relação com a quebra de paradigmas, pois, pensar as raízes da chamada filosofia idealista, não é apenas fazer um exame filosófico e sim uma longa discussão científica, já que se trata de uma ciência da experiência da consciência. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a problemática da filosofia dialética de Hegel, tido como base de todo o racional e de todo o real, já que o real também é ideal.

Contextualização histórica de Friedrich Hegel

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, aos 27 de agosto de 1770, irmão mais velho de Christiane Luise (1773-1832) e Georg Ludwig (1776-1832). Terminado os estudos ginasiais na cidade natal, entrou para um seminário teológico em Tubinga, onde, além do estudo da teologia, cultivou com assiduidade a filosofia moderna (Hume e Kant). Em 1793 conseguiu a láurea em teologia. Em 1801 foi nomeado professor da universidade de Iena, onde primeiramente foi amigo e adversário de Wilhelm Schelling (1775-1854). Publicou neste período a *fenomenologia do espírito* (1807). Em 1808 elabora a *ciência da lógica*. De 1816 a 1818 lecionou em Heidelberg, onde levou a termo a mais completa exposição de seu sistema: *A enciclopédia das ciências filosóficas*. Em 1818 sucedeu a Johann Fichte (1762-1814) na cátedra de filosofia da universidade de Berlim. Sua publicação mais importante deste período é a *filosofia do direito*. Hegel morreu de cólera aos 14 de novembro de 1831.

As grandes obras de Hegel são: *O espírito do cristianismo e seu destino*; *Vida de Jesus*; *A filosofia da religião*; *A filosofia da história*; *A filosofia da arte* e a grandiloqüente *História da filosofia*, tais quais as já citadas; *Fenomenologia do espírito*, *Ciência da lógica* e a monumental *Enciclopédia das ciências filosóficas*.

Hegel era um homem fascinado pelos acontecimentos por ele vivenciados, pois sabia que todos os acontecimentos faziam parte do que denominou de “*Espírito absoluto*”. Em 1781, acometido de febre, fica cego por uma semana e tem a pele marcada pela doença. A mesma doença também mata sua mãe, Maria Magdalena Louisa; no seminário de Tubinga em 1788, conhece o poeta Friedrich Holderlin e o filósofo Friedrich Schelling. Em 1789 vivencia com seus colegas a revolução francesa. Durante seus anos de universidade, Hegel é fortemente influenciado por Immanuel Kant (1724-1804). No ano de 1793 já com 23 anos de idade, após graduar-se em tubinga, muda-se para Berna, na suíça, para trabalhar como preceptor particular.

Em 1796, Holderlin consegue-lhe um cargo de professor em Frankfurt, dois anos mais tarde morre seu pai e assegura-lhe uma pequena renda particular. No ano de 1801, com ajuda de Schelling, é nomeado “*privatdozent*”, professor não assalariado na universidade de Iena. Um ano depois, Hegel e Schelling fundam o jornal crítico de filosofia, chegando ao fim em 1803. Dois anos após o fim do jornal, é promovido a professor extraordinário da universidade de Iena. Em 1806 Hegel conclui a *fenomenologia do espírito*, enquanto Napoleão vence a batalha de Iena. Um ano após a batalha de Iena, em fevereiro de 1807, sua primeira esposa Christiana

Burkhardt dá a luz seu primeiro filho, Georg Ludwing Friedrich Fischer (1807-1831); logo em março torna-se editor do “*Bamberger Zeitung*”.

Dois anos depois de concluir a *Fenomenologia do Espírito*, Hegel torna-se diretor do “*Gymnasium*”, em Nuremberg; Três anos mais tarde casa-se com Maria Helena Susana Von Tucher e em 1812 publica a primeira parte de a *Ciência da lógica*, que será concluída quatro anos mais tarde. Em 1813 nasce seu segundo filho, Karl Friedrich Wilhelm (1813-1901), logo depois nasce seu terceiro filho Immanuel Thomas Christian (1814-1891).

Hegel em 1816 torna-se professor da universidade de Heidelberg; um ano depois publica *A Enciclopédia das Ciências filosóficas* e seu primeiro filho vai morar com ele após a morte de sua mãe. Em 1818 assume o cargo de professor de filosofia na universidade de Berlim, quatro anos mais tarde publica *A filosofia do direito* e entre 1829 e 1830 é nomeado reitor da universidade de Berlim. No ano de 1831, Frederick William III o condecora por serviços a Prússia e, mais tarde, Hegel falece acometido por cólera, em Berlim em 14 de novembro do mesmo ano. Hegel ficou mundialmente conhecido por defender, no cerne de toda sua filosofia sistemática, o idealismo absoluto, cujo ponto de partida e de chegada é: Tudo que é real é racional e tudo que é racional é real.

A filosofia dialética em Hegel

Georg Hegel, sem dúvida, é o mais importante filósofo do idealismo alemão pós-kantiano e um dos que mais influenciou o pensamento de sua época. Hegel, nas suas próprias palavras, seria, com seu sistema filosófico, o encerramento da filosofia, o último e mais complexo sistema eminentemente filosófico, que explica, atesta e cria todo o real.

Aliás, desde cedo, a filosofia hegeliana tem a pretensão de explicar, pelo puro *logos*, todo o real; concepção esta que deve ser compreendida como uma ruptura com toda a filosofia transcendental de Immanuel Kant (1724-1804) que opera uma verdadeira “bifurcação” entre o *eu* e a *coisa em-si*, muito criticada e, aliás, nos dizeres do próprio filósofo do idealismo absoluto, não representaria algum compromisso com a verdade. Hegel considera que a análise que realiza a consciência pelo ângulo de visão transcendental, ignorava a origem e a formação dessa mesma consciência, analisando-a em abstrato.

Nesse sentido, a filosofia hegeliana (*Begriff* e *Geist*) toma característica de sistemática quando parte da ideia da necessidade de examinação, em primeiro lugar, das etapas de formação da consciência (subjetiva, objetiva e absoluta), tomando a consciência em análise científica

(examinação), Hegel criará uma espécie de ciência da experiência da consciência (Maurice Merleau-Ponty na posteridade criará uma espécie de ciência da experiência da percepção, opondo-se ao *subjetivismo filosófico* de Kant/Hegel e *objetivismo científico* de Wittgenstein/Mach). A tríade da consciência é organizada pela sua teoria lógico-especulativa dialética: *Tese, antítese e síntese*, ou como estão no palco da consciência: *Ser em-sí, ser fora-de-sí e ser em-sí-e-para-sí*. Se analisada profundamente, a dialética especulativa reconduz as três partes principais de seu sistema: *filosofia do espírito, filosofia da natureza* e, o último estágio entendido como *síntese*, representaria a união e a contradição, imersas, tem-se a *lógica*. E Hegel já levando sua lógica às últimas conseqüências, findará todo o real a esta ideia, exprimi-se, assim, que toda a realidade é pura e perfeita racionalidade (*Begriff*); uma racionalidade não parada/estática, mas em plena movimentação/dinamização, é o órgãoom/cânone fundamental para a compreensão de todo o real em constante e infinito devir.

A apresentação sistemática de todos os momentos do absoluto, em sua plena ordem, pode ser encontrada na obra de 1817 intitulada *A enciclopédia das ciências filosóficas*. De fato, a caracterização de sua filosofia como sistemática é a pura representação de que cada parte do real esta “ligada” racionalmente, expressando, assim, sua filosofia como um conteúdo eminentemente lógico. Um exemplo da coerência de tal conteúdo se dá pelo fato de que no interior de cada fase da tríade se desenvolve uma nova e em cada momento desta nova tríade dialética surgem outras, num processo que se repete infinitas vezes.

A filosofia do *Espírito Absoluto (Geist)* de Hegel pode ser considerada como a união e melhoria dos sistemas de Fichte e Schelling (*filosofia do Eu e filosofia da Natureza*), o primeiro sendo um sistema de cunho Moral e segundo sendo um sistema genuinamente Estético. A síntese dialética revela que o último estágio do conhecimento é, também, a tomada dele por parte do próprio conhecimento (*o Espírito pensa-se a si mesmo*). O real é *logos*, pensamento conceitual, porque tudo que é real também é ideal. A filosofia hegeliana mostra como se dá a elevação das formas inferiores da consciência até as superiores, do real ao ideal na obra de 1806/1807: *Fenomenologia do espírito*. Nesta obra, Hegel nos mostra que o conhecimento não parte do absoluto, mas conduz a ele por meio das sucessivas fazes fenomênicas da consciência que, sendo palco das manifestações entre concreto e ideal, faz *Ciência da experiência da consciência*, operando dialeticamente, pois tudo na realidade tem sua negação e negação da negação. Assim sendo, o princípio da contradição é o cerne da lógica dialético-especulativa do idealismo absoluto.

Assim, opondo-se a lógica formal clássica de Aristóteles, baseadas nos princípios de identidade ($F=F$) e da não contradição (F não é não- F), Hegel condenará esta forma de operar a realidade, que representaria o declínio/fim do próprio pensamento por sua incapacidade de articular-se em comparação a variedade infinita das coisas. Tudo que é real também é devir e, a lógica que é matriz de todo concreto/real é uma lógica de caráter dialético (Heráclito/Hegel), pois é dinâmica e, segundo o próprio Hegel, se engana aquele que afirmar que a matéria é um conjunto de *categorias a-metafísicas*, como pensa o empirismo, sendo esse o seu maior erro, pois deixa de lado categorias como: *Força e movimento*. E, como são elas racionais, são passíveis de raciocínio, sendo passíveis de raciocínio, são alcançadas pela lógica dialética. E o núcleo de todo esse “*devir*”, como já foi dito, é a contradição, pois negação também é afirmação/união ao mesmo tempo. A contradição, assim sendo, é ao mesmo tempo *propedêutica* e *órganon* para a verdade.

Hegel leva sua lógica a categoria do absoluto ao afirmar que a história é o registro e a mediação entre suas ideias. Assim, a dialética seria, então, uma espécie de galeria das ideias (todo real também é ideal e pode ser compreendido como um processo histórico). Essas teses em que o filósofo findará a história ao exame dialético, podem ser encontradas em sua monumental obra de 1819/1828: *Lições sobre a História da filosofia*. Neste grande escrito expõe ser a história o estudo das manifestações do Espírito Absoluto. É nesta obra que Hegel encontra o coroamento final de todo seu sistema filosófico.

Principais fundamentos do sistema hegeliano

A tarefa da filosofia, atenta Hegel, é a compreensão daquilo que é, uma vez que aquilo que é, é pura e simplesmente razão. Em uma das primeiras filosofias da história, Hegel abre um leque de possibilidades para se entender por completo a metafísica, que até então era impossibilitada como conhecimento (O alemão Leibniz dá uma grande contribuição ao estudo da metafísica, com seu conceito de *mônada*); o mesmo fizera Tomás de Aquino (1225-1274), sem êxito, seu sistema identifica-se mais com o sistema fenomênico de Kant. A filosofia crítica de Kant é, primeiramente, aclamada por Hegel que reconhece a Kant ter submetido a uma investigação sobre a validade das categorias e conceitos da metafísica. Contudo, a reprovação por parte do autor da *Ciência da lógica*, juntamente com Fichte e Schelling para com Kant, foi por este não ter adentrado ao conteúdo metafísico, ou seja, alegando a impossibilidade de estudo desta, transcorrendo toda sua crítica ao que é aparente, por ele denominado de fenômeno. E este

foi, segundo os filósofos do idealismo (Fichte, Schelling e Hegel), seu maior declínio. O sujeito transcendental do autor da *Crítica da razão pura* é, pois, uma espécie de especialista lógico-valorativo do real (fenômeno), porém ele é um asceta do ideal metafísico.

Essa tomada de pontos de vista opostos referentes a análise da metafísica, nota-se nos dois autores, no da *Crítica da razão prática* e no das *Lições sobre a História da filosofia*, no próprio conceito de dialética. Na *Dialética transcendental* de Kant, o terreno é preparado para se chegar ao debate sobre as ilusões da razão pura, em outras palavras, como é possível a metafísica como caráter insuprimível da natureza humana? Já na Dialética como galeria/história das ideias de Hegel, a metafísica alcança seu vôo esplendoroso. Nesse sentido, a dialética hegeliana se apresenta, sobretudo, sob forma de duas premissas: *Tudo que real é racional e tudo que é racional é real*, revela a mais substancial identidade entre real e ideal. A segunda proposição estabelece a relação entre o ser e o nada: *O ser e o nada são uma só e mesma coisa*, ou seja, não há nada no mundo que não tenha em-sí a presença do ser e o registro do nada. Cada coisa é alguma coisa na medida em que a toda hora e a todo o momento seu ser ainda não é, e que quando já é, retorna ao nada. Essas premissas mostram, de forma clara, o caráter sistemático de toda a realidade. E uma vez que a dialética representa esse sistema, ela pode ser considerada um notório método filosófico.

Filosofia do espírito

A identidade da filosofia do espírito (*Geist*) com a tese é possível se levada em conta a antítese ou filosofia da natureza, e está só é possível se levada em conta aquela. Contudo, a filosofia do espírito pode e deve ser pensada um pouco fora deste viés. Para Hegel, a maneira pela qual a ideia se coloca constantemente em ato, afastando-se das amarras da estética tão somente contemplativa, é o espírito propriamente dito, ou a *Geist*, numa linguagem bem hegeliana. O espírito, assim, representa à verdadeira ideia quando se coloca no plano da consciência, ou seja, o espírito representa a ideia tomando consciência de si própria, consciência não mais realizada no plano *fora-de-sí*, na natureza, no estético, como já foi expresso aqui, mas *em-sí e para-sí*, tornando-se objeto dela própria. Se há obstáculo a *mediação*, na filosofia do espírito ela se realiza de forma exuberante.

Espírito tomando consciência de si, este é o projeto hegeliano para a filosofia. Portanto, nasce, em Hegel, o chamado **idealismo absoluto**. Também, nesta etapa de desenvolvimento da consciência, pode se encontrar uma nova tríade basilar correspondente as três fases do

desenvolvimento do espírito: *espírito subjetivo*, *espírito objetivo* e *espírito absoluto*. E esse conhecimento absoluto se expressa, sobretudo em algumas formas de conhecimento, tais como a arte, a religião e a filosofia. O espírito subjetivo direciona-se aos indivíduos; o espírito objetivo aos diversos povos do mundo, já o chamado *espírito absoluto*, como já foi mostrado aqui, se apresenta por meio da arte, religião e filosofia.

Hegel faz severas críticas aos pensadores românticos de sua época, que se fechando em seu subjetivismo absoluto, deixam de lado o conteúdo externo, puramente estético. Fato que levará o poeta alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) ao elogio de Hegel, pois na visão do poeta a atividade espiritual encontra no filósofo alemão seu alcance máximo. A mediação, tema central da fenomenologia de Hegel, entre o ser *em-si* e o *ser-para-o-outro*, ou a ideia *fora-de-si*, encontram nele sua plena realização. E está “*enfermidade universal*” da época, o fechar-se em sua subjetividade, não conseguindo penetrar no conteúdo externo, é o que põe por terra todo o pensamento romântico. Os pensadores da corrente romântica, também chamados de filósofos da *tempestade e do ímpeto*, encontram em Goethe uma síntese extraordinária, transformando, assim, sua literatura em literatura universal.

O princípio da atividade espiritual de Hegel, como consciência de si e de tudo, passa por uma mediação que pode ser percebida, como já foi dito aqui, nas artes, na religião e sobretudo na filosofia. Na história da filosofia a arte é uma das principais temáticas dentro do sistema hegeliano, a doutrina estética do filósofo, exercerá grande influência dentro dos séculos XIX e XX, sendo importantíssimas suas conclusões sobre a natureza do belo e da própria arte.

A grande função da arte é expressar, de forma sensível, o vasto conteúdo do absoluto. É seu grande dever (da obra de arte) tornar possível a demonstração do absoluto. A tese fundamental da doutrina estética hegeliana (e deve-se salientar porque é chamado de doutrina este conjunto de ideias básicas do pensador stuttgariano, pois é o conjunto de ideias básicas contidas em um sistema filosófico) é a identidade da arte com o belo e somente com ela, não se encontrando na natureza. Eliminando o belo da natureza, Hegel o centraliza na obra genuinamente artística, ou seja, é quase que uma responsabilidade do artista criar condições favoráveis para que o insuprimível do absoluto torne-se suprimível. Neste sentido, podemos perceber que a própria doutrina estética de Hegel nos ajuda a entender que *tudo que é ideal é racional e tudo que é racional é ideal*. A arte também em sua história pode ser dividida em três fases: simbólica, clássica e romântica.

A segunda etapa do momento do saber absoluto é a religião. Nesta etapa o conhecimento absoluto adquire características transcendentais, em um posto que o homem

jamais alcançará. A evolução da religião mostra a passagem da transcendência em imanência e, quando atinge este estágio, Deus transfigura-se em homem (Deus feito homem). Neste cume, o cristianismo converte-se em religião absoluta, pois Deus agora é homem.

No último estágio do saber, onde superada as amarras e dúvidas em relação a sua existência, passando, assim, por essa consciência infeliz, o conhecimento filosófico enfim adquire caracteres absolutos e reflexivos. Agora, a filosofia pensa-se a si mesma, é a verdade que se revela a si, pois ela própria contém, em seu germe, a própria verdade de tudo. É a ideia em si e por si, atuando-se eternamente como saber e espírito absoluto, nasce a filosofia, mas nasce com toda exaltação ao infinito e não como uma criança sem consciência de sua própria existência.

Não se tratam de nenhuma filosofia quaisquer, mas sim da filosofia de todo o mundo. E uma vez sendo o conteúdo de todo mundo, a filosofia identifica-se com sua própria história ou história da filosofia, porque o conteúdo da verdade é o pensamento. A partir daqui, Hegel dera atenção a uma espécie de filosofia da história e, será nesses escritos que seu otimismo em relação a toda a humanidade será revelado. Contra esse seu otimismo, o também filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) desenvolverá uma espécie de filosofia pessimista, exaltando contra o *ardil da razão* de Hegel, uma *vontade insurgente*.

Filosofia da natureza

Além dos sistemas que representam a tese e síntese, Hegel trabalha suas ideias em relação à filosofia da natureza de forma diferente das demais. Na filosofia do *fora-de-si* (*extra se*), Hegel assinala que o objetivo da natureza é tão e somente a alienação da ideia de si. Essa etapa dentro da dialética também é chamada de antítese e, sua principal e fundamental atuação é a de negar a ideia do eu, tese. E para que o espírito chegue à etapa final de seu percurso, é necessário passar por essa alienação, por essa negação do eu. E é característica da natureza tornar tudo estranho a si e, este processo ocorre, pois é de sua própria “natureza”, como já foi visto acima, externalizar tudo, até ela mesma. Em relação a isso podem ser feitas muitas observações quanto ao fato de ela mesma se “estranhar”; contudo deve se notar que a natureza, ou seja, ela enquanto em si, faz parte das fazes do absoluto, tendo, assim, uma *ideia absoluta* que a torna autoconsciente e que a faça ser uma etapa para a elevação do espírito ao infinito. No entanto, para o filósofo, é de crucial importância que ocorra essa contradição da natureza mesma, pois somente assim a ideia tem possibilidade de encontrar a si própria.

E é a antítese que faz da lógica dialética hegeliana dar um passo decisivo em relação à dialética dos gregos. Com Heráclito, principalmente, está lógica é apenas uma corroboração do “*dever do ser*”, já no filósofo alemão este método dará atenção especial a razão, como detentora de não apenas mostrar que a natureza do ser é a mudança, mas sim que a própria razão, como puro conceito, também passa por estágios e, para chegar a algum resultado sobre um possível conhecimento do ser em sua plenitude, é necessário entender todos esses estágios.

O grande legado desta lógica especulativa é a mediação de tudo e, enquanto este tudo for ideal, ele será mediatizado. Assim como este método de operação da realidade é dividido em três partes/fases, a filosofia da natureza também pode ser dividida em três: mecânica, física e biológica (não será necessário expor cada uma delas). A importância da alienação é tamanha, que o autor da *ciência da lógica* faz sua *ideia absoluta* conhecer-se dentro da esfera dos fenômenos naturais.

A doutrina hegeliana da natureza contém algumas características principais, a mais importante delas é a correlação entre as leis da natureza e as leis dialéticas. Todavia, como já exposto aqui, o todo não é desenvolvido, somente as partes. Ou seja, não ocorre um conhecimento histórico, e esse só será alcançado na filosofia do espírito, pois é nela que se faz história, tem-se, agora, uma *ideia absoluta*.

A herança hegeliana

Sem sombras de dúvida, a filosofia de Georg Hegel com todo seu sistema e a pretensão de utilizar métodos científicos para explicar/descrever as várias manifestações do espírito, será aclamada fortemente pelos seus predecessores e criticada fortemente por seus rivais. Logo após sua morte em 1831, seu legado filosófico será amplamente difundido entre os vários cantos da Europa, atravessando séculos e perpassando a contemporaneidade. Sua influência será tamanha, que seus próprios discípulos se dividirão em duas correntes, a direita ortodoxa e esquerda radical, ou também chamados de velhos e jovens hegelianos.

À direita (velhos hegelianos) adotou o conteúdo em que a tese era de que o estado seria a mais alta realização do espírito absoluto. Alguns pensadores da direita também se dedicaram ao estudo da história da filosofia. Sobretudo pode-se perceber a ortodoxia destes pensadores pela consideração feita pelo filósofo Karl Ludwig Michelet (1801-1893), que exaltava a filosofia de seu mestre como irrefutável e procurou unir as conclusões hegelianas às ciências empíricas. Michelet chega ao cume de associar a filosofia idealista suprema ao cristianismo e,

elevou até as últimas conseqüências comparando e equiparando a trindade (*pai, filho e espírito santo*) a dialética (*tese, antítese e síntese*).

A esquerda (jovens hegelianos) se debruçou ao estudo e análise dos problemas políticos usando o método dialético, contrapondo-se, assim, ao regime que escravizava a Alemanha da época e que tinha o apoio dos discípulos do lado direito da doutrina de seu mestre. Destaca-se mais ainda entre os membros desta posição da doutrina de Hegel, os filósofos David Friedrich Strauss (1808-1874), Bruno Bauer (1809-1872), Max Stirner (1806-1856), Arnold Ruge (1802-1880) e Ludwig Feuerbach (1804-1872).

Feuerbach se tornou o mais conhecido representante da esquerda hegeliana por tentar desmascarar o fantasma da teologia que percorre todo o pensamento de Hegel. Para ele, deveria ser denunciada toda e qualquer tentativa de objetivação do espírito por parte da especulação religiosa. É atribuída a ele a tentativa de substituir a teologia por uma antropologia, contidas no pensamento de seu mestre. Essas suas teses podem ser encontradas em seu livro, *A essência do cristianismo*. E foi a partir dos estudos deste (Feuerbach) que Engels (1820-1895) e Marx (1818-1883) desenvolveram o materialismo histórico e a dialética materialista.

Contudo, a filosofia sistemática, idealista e absoluta de Hegel não foi apenas elogiada, mas também duramente criticada. E contra esse idealismo supremo que coloca o homem como o centro de toda a especulação, um grupo de filósofos, chamados também de voluntaristas, travaram uma posição cerrada contra o pensador alemão. Destaquemos os mais importantes, como Arthur Schopenhauer (1788-1860), Soren Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939).

Sobretudo o filósofo e teólogo dinamarquês Kierkegaard, destinou críticas consideráveis e violentas ao sistema de Hegel. Para ele, o maior responsável por ocasionar a perda da existência era o sistema hegeliano. O sistema, diz o filósofo dinamarquês, é uma prerrogativa de Deus, sendo que a própria realidade é vista como um sistema por Deus, por que não existe neste mundo, não sendo possível ser vista por um ser existente. E como a filosofia do alemão exalta o contrário, recebe duras críticas do teólogo.

Apesar dos ataques de quase todos os lados, o hegelianismo difundiu-se por todo o mundo, matizando-se de diversas maneiras, como na França e Inglaterra. Porém, as doutrinas filosóficas de Hegel, sobretudo de orientação direitista, ganharam destaque especial na Itália, com os filósofos Giovanni Gentile (1875-1944) e Benedetto Croce (1866-1952). Na América surgiram vários representantes do sistema hegeliano e, o nome mais destacado nos Estados Unidos é de Josiah Royce (1855-1916).

Vários adeptos surgiram em todo mundo desde o falecimento de Hegel, sua filosofia extremamente complexa e difícil incendiaria corações em todo o ocidente. E foram muitos os pensadores, conhecidos ou não, que se debruçaram sobre sua doutrina. Na Rússia a filosofia do alemão se dividiu novamente em direita e esquerda, levando-se em consideração posições políticas, fato esse que só confirma o quanto a filosofia do idealismo supremo de Hegel marcou seu período e entrou, sem sombras de dúvidas, para um seleto grupo de pensamentos que marcaram a história.

Considerações finais

A história da filosofia registra quatro momentos de destaque. O primeiro momento foi quando Sócrates, na antiguidade clássica, voltou a especulação e a pergunta sobre a origem de tudo para o próprio homem, temos, então, a pergunta mestra de toda a filosofia: Quem é o homem e o que ele é? Surge com Sócrates uma antropologia. O segundo momento é marcado por Descartes (1596-1650), já no início da modernidade, que centraliza toda especulação metafísica na mente e fundamenta que a raiz de toda a ciência é metafísica. O terceiro momento de destaque da foi propiciado pelo alemão Immanuel Kant (1724-1804), com ele a metafísica é abandonada como forma de conhecimento e sua filosofia, assim, ganha mais uma orientação gnosiológica (teoria do conhecimento) do que puramente abstrata (estamos no meio da modernidade). E o último momento dentro da história da filosofia se dá pela notável exaltação metafísica proporcionada pelo filósofo também alemão Georg Hegel. Se antes (em Kant), a especulação metafísica foi deixada de lado por uma teoria do conhecimento, agora ela pode ser alcançada de forma plena pela mais pura razão (e deve-se salientar que pura razão em Hegel não tem o mesmo significado para Kant). Hegel é o mais importante filósofo do idealismo por representar a união das doutrinas de Fichte e Schelling. Sua dialética que atesta e cria todo o real e, também todo ideal, é o método emancipador que faz de um espírito perdido em si, alcançar o mais magnífico e exuberante saber, o *saber absoluto*. E por ser a base de todo o real e, também do que é racional, a lógica especulativa dialética hegeliana pode ser considerada um modelo filosófico do real. Não há dúvida de que a doutrina de Hegel influenciara completamente a contemporaneidade, sobretudo por ser a sua própria filosofia as sínteses das sínteses, tudo porque legou ao homem o mais maravilhoso poder que se equipara ao divino, criar toda a realidade apenas pelo pensamento, porque tudo que é racional é real e tudo que é real é racional/ideal. Por conta disso, é praticamente impossível entender as demais correntes

filosóficas que surgirão pós Hegel, sem entender por completo todo seu arcabouço teórico, filosófico e científico, pois, toda a nulidade do período pós-moderno encontra seu cume chave na filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, sendo, assim, considerado o pai da contemporaneidade. O legado de sua doutrina foi tão grande, que Merleau-Ponty afirma existirem vários Hegel, de tal maneira que interpretar seu pensamento é tomar partido sobre todos os problemas filosóficos, religiosos e políticos de todo o século.

Referências:

BURLATSKI, Sergei F. **Fundamentos da Filosofia Marxista-Leninista**. – União Soviética (URSS): Edições Progresso Moscovo, 1987. p. 74-77.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Fenomenologia do Espírito – Introdução à História da Filosofia**. In: Coleção Os Pensadores. Trad. Orlando Vitorino, Henrique Cláudio de Lima Vaz, Antônio Pinto de Carvalho. – 4ª Ed. – São Paulo (SP): Nova Cultural, 1988.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética, a Ideia e o Ideal – Estética, O Belo Artístico ou o Ideal**. In: Coleção Os Pensadores. Trad. Orlando Vitorino. – São Paulo (SP): Editora Nova Cultural, 2000. p. 5-19.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor, 1991.

LOWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche - A ruptura revolucionária no pensamento de século XIX, Marx e Kierkegaard**. – São Paulo (SP): Editora Unesp, 2014.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. – Vol. 3 – São Paulo (SP): Edições Paulinas, 1981-1983.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Trad. Angelina Peralva. – Rio de Janeiro (RJ): Editora Paz e Terra, 1977. p. 19-30.

VITA, Luis Washington. **Pequena História da Filosofia**. – São Paulo (SP): Edição Saraiva, 1968.